



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO–FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**  
**POLO VILA BOA DE GOIÁS**



**ADRIANA LOPES DE AGUIAR**

**Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil:  
Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores**

**Mozarlândia – GO**

**2015**

**ADRIANA LOPES DE AGUIAR**

**Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil:  
Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

**Mozarlândia – GO**

**2015**

AGUIAR, Adriana Lopes - Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil: Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores, Mozarlândia-Goiás, Dezembro de 2015. 67 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

# **Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil: Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores**

**ADRIANA LOPES DE AGUIAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Membros da Banca Examinadora

---

Orientadora: Professora Dra. Andréia Mello Lacé  
Faculdade de Educação (UAB/UnB)

---

Professor Msc. Gilberto Vieira Rios  
Faculdade de Educação (UAB/UnB)

---

Professora Dra. Paula Pereira Scherre

Faculdade de Educação – Universidade Católica de Brasília (UCB)

## DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus que é o principal responsável por minhas vitórias. Aos meus familiares. Dedico também a todos aqueles que contribuíram com minha vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por acompanhar-me cada instante de minha vida acadêmica, reforçando dia após dia minhas forças, para que eu conseguisse chegar ao fim desta caminhada árdua, alcançando meus objetivos;

À minha família, pelo apoio e paciência a mim dedicados nessa trajetória acadêmica;

Aos meus professores e tutores a distância, especialmente a tutora presencial Paulene Almeida Rodrigues e a querida orientadora, Professora Dra. Andréia Mello Lacé e ao professor Msc. Gilberto Vieira Rios, que cumpriram com grandeza essa difícil missão de me conduzir no caminho do saber enriquecendo meus conhecimentos;

Aos meus colegas, em especial, aqueles que se tornaram amigos que, mesmo com a distância, o tempo não apagará as lembranças dos momentos maravilhosos que vivemos juntos e as trocas de conhecimentos que se deram ao longo dessa trajetória.

## Resumo

A garantia do direito à educação infantil regida pela Constituição brasileira, sendo dever do Estado afiançar a oferta da educação infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção tem gerando avanço da educação inclusiva nos últimos anos. Com base nesses pressupostos, esse trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo as dificuldades encontradas pelos profissionais (psicopedagogas, professores e neuropedagogas) que atuam na prática inclusiva, especialmente na educação infantil da escola municipal Mundo Mágico; a percepção dos educadores sobre o trabalho pedagógico na educação inclusiva; o trabalho pedagógico para a construção do conhecimento e as perspectivas do educador no trabalho com a educação inclusiva. Para o desenvolvimento da pesquisa, o presente estudo teve como embasamento a revisão da literatura, a pesquisa qualitativa, com características etnográficas, composta por observação participante e aplicação de questionário individualmente à equipe multidisciplinar (psicopedagogas, neuropedagoga e professoras) que atuam na educação inclusiva, na escola pesquisada Mundo Mágico.

Os resultados apontaram para uma escola que reconhece e valoriza a diversidade e conta com a dedicação dos professores que atuam na educação inclusiva. Por outro lado, há um longo caminho a ser percorrido em relação ao preparo docente para que a educação inclusiva seja de fato realidade, para todos aqueles que dela precisam.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Educação Infantil, Dificuldades encontradas pelos Educadores.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| <b>PARTE I. MEMORIAL EDUCATIVO</b> -----  | 10 |
| Introdução-----   | 10 |
| 2- Trajetória Estudantil-----   | 10 |
| 3- Trajetória Acadêmica-----  | 13 |
| 4- Considerações Finais-----  | 17 |
| <br>  |    |
| <b>PARTE II – MONOGRAFIA</b> -----  | 18 |
| <b>Introdução</b> -----   | 18 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO</b> -----  | 21 |
| 1.1 - Inclusão Escolar-----   | 21 |
| 1.2 - A escola Comum na Perspectiva Inclusiva-----  | 23 |
| 1.3 – Educação Inclusiva na Educação Infantil-----  | 25 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO 2: METODOLOGIA</b> -----  | 29 |
| 2.1- Aspectos metodológicos da pesquisa-----  | 29 |
| 2.2 - Os Participantes da Pesquisa-----   | 30 |
| 2.3 - Contexto da pesquisa-----   | 31 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> -----  | 34 |
| 3.1 - Apresentação da análise de Pesquisa de campo com observação participante-----                           | 34 |
| 3.2 - Análise do questionário com os professores que atuam na área da educação inclusiva -----                | 38 |
| 3.3- Análise do questionário com a psicopedagoga e neuropedagoga que atuam na área da educação inclusiva----- | 43 |
| <br>  |    |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----   | 50 |
| <br>  |    |
| <b>PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b> -----   | 53 |

|   |    |
|---|----|
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----                 | 57 |
| <b>APÊNDICES</b> -----                                  | 62 |
| Apêndice A-----   | 62 |
| Apêndice B-----   | 64 |
| Apêndice C-----   | 66 |
| Apêndice D-----   | 67 |
| <b>ANEXO</b> -----                                      | 69 |
| Anexo 1 Carta de Apresentação-----                      | 69 |
| Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido----- | 70 |

## **PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO**

### **Introdução**

Este Memorial tem como objetivo apresentar acontecimentos que marcaram minha vida estudantil e acadêmica.

Escrevê-lo é percorrer caminhos dos meus primeiros anos de estudo até o presente momento, na formação do curso de Pedagogia. Momentos esses vivenciados e jamais esquecidos nas diferentes circunstâncias, contextualizados, inclusive, com as teorias estudadas na trajetória do curso de pedagogia.

Sendo assim o Memorial encontra dividido em quatro partes. Na primeira está a “Introdução”, que apresento a estrutura dessas memórias. Na segunda parte, abordo minha trajetória estudantil desde o meu percurso pessoal, até minha iniciação da vida escolar e conclusão do ensino médio. Na terceira parte, apresento minha trajetória acadêmica, com reflexões e análise das aprendizagens e conhecimentos a partir da relação das teorias estudadas e da prática docente. Na quarta e última parte, minhas considerações sobre a importância e a contribuição do curso para o meu crescimento pedagógico. Portanto esse memorial decorre da minha trajetória estudantil e das obras aprendidas ao longo do curso de pedagogia.

## **2 - TRAJETÓRIA ESTUDANTIL**

É um desafio satisfatório a produção deste memorial, pois me levou a fazer uma retrospectiva da minha trajetória estudantil e acadêmica, dos bons e maus momentos vivenciados nesses caminhos em busca de conhecimento.

Sou a sexta filha de uma família de oito irmãos. Todos com o nome que se iniciam com a letra A. Era para eu me chamar Lourença, sofrendo influência da cultura da minha avó paterna, pois nasci no dia de São Lourenço, 10 de agosto de 1981, mas para minha sorte acabaram por decidir pelo nome Adriana mantendo o prestígio da inicial “A”.

Tenho o temperamento forte, mas sou uma pessoa muito amigável e companheira, persistente quando quero alguma coisa, costumo lutar para conseguir, não desisto facilmente nos primeiros obstáculos que aparecem. Sou de família simples, meus pais não tiveram a mesma sorte que a minha de estudar, só aprenderam a ler e escrever o necessário. Talvez por isso uma das maiores preocupações de meus pais foi o proporcionar estudo aos filhos. Meu pai Sebastião, hoje falecido, era trabalhador rural e minha mãe Emilianiana, uma senhora do lar, hoje aposentada. Nasci em uma cidade muito pequena, interior do estado do Tocantins, Pequizeiro, onde vivi bons momentos como: tomar banho de chuva, brincar no meio da rua até anoitecer com os meus irmãos e vários amigos, coisas que as crianças de hoje não fazem mais. Foi lá que eu iniciei minha vida escolar.

Minha vida escolar começou, quando eu tinha sete anos de idade, no ano de 1988, na escola estadual Bernardo Sayão, uma instituição pública, de onde tenho ótimas lembranças. A escola tinha um enorme pátio onde eu gostava de correr e brincar. Os professores eram a autoridade, exigiam o silêncio e impunham a disciplina. As dificuldades em relação ao aprendizado não eram levadas em consideração, nem a realidade vivida. O conteúdo era passado como verdade absoluta predominando, que hoje tenho conhecimento devido ao curso de pedagogia, uma educação de Tendência Liberal Tradicional.

A perspectiva “tradicional” atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo. (ZABALA, 1998, p. 89; apud, SILVIA, 2013, 12).

Estudei nessa escola até o ensino fundamental primeira fase, pois quando tinha 14 anos meu pai veio a falecer. Esse acontecimento provocou mudança na minha trajetória de vida. Meus dois irmãos mais velhos tiveram que mudar de cidade em busca de melhoria de vida e eu tive de acompanhá-los, deixando minha mãe, irmãos, e uma vida tranquila na cidade do interior, para viver na capital de Goiás.

Nessa nova fase de minha vida dei continuidade aos estudos. E pude perceber que a tendência Liberal Tradicional esteve presente também no meu ensino médio,

Colégio Estadual Presidente Costa e Silva no qual cursei o 1ºano em 1997 e no Colégio Estadual Severina Maria de Jesus, local em que conclui o ensino médio em 1999. Nestas instituições, escolares os professores usavam testes, provas, vistos no caderno e avaliação oral. E quando um aluno se comportava mal ou não atingia a nota desejada era punido; as notas baixas representavam recuperação, reunião com os pais e até a repetência de série escolar. Mas, foi também no ensino médio que um professor me marcou muito. Ele ministrava a disciplina de literatura. Pelo que pude perceber agora que conheço as tendências melhor, ele utilizava a tendência liberal progressivista, de caráter pedagógico libertário em que o “o professor torna-se um orientador do grupo sem impor suas ideias e convicções” (OLIVEIRA, s/d, sp). O professor de literatura estimulava a busca pela aprendizagem por meio de métodos que me faziam buscar novos aprendizados e conhecimentos. Dessa forma, sentia-me instigada a conhecer outros livros em que eu tinha que ler e realizar peças teatrais. O gosto pela leitura era, constantemente, incentivando.

Com os meus 18 anos, conclui o ensino médio e já pensava em ingressar em um curso superior, mas não sabia ao certo o que fazer, viajava entre Pedagogia e Pediatria, não tinha uma orientação de qual carreira seguir, pois não contava com uma orientação vocacional para me nortear. Percebi que o teste feito no fim do ensino médio não foi suficiente para que eu fizesse uma escolha consciente, precisava de uma orientação (atividades informativas) mais cotidiana, como nos ressalta (CARVALHO, 2014, p. 95):

Que os jovens inseridos no sistema escolar, pode-se afirmar que eles também carecem de tomada de decisão, em matéria de ensino e de escolhas vocacionais, entre outras, que os possam auxiliar a enfrentar, de forma mais adequada, a transição escola-trabalho,... essa a ação está circunscrita ao final do ensino médio, o que torna a decisão vocacional superficial.

Diante das incertezas acabei adiando a minha entrada em um curso superior. Fiquei onze anos sem estudar. Nesse intervalo casei, com meu querido esposo Ivaldo, tivemos uma filha chamada Letícia, e só quando minha filha já estava com quatro anos participei de um processo seletivo para cursar técnico em enfermagem, mas não deu certo porque tive de mudar de cidade, devido ao trabalho do meu esposo. Foi nesse momento que começou minha história no curso de pedagogia.

Nessa nova cidade no ano de 2008, prestei um concurso público, na função de serviço geral, passei e fui trabalhar em uma escola do ensino fundamental primeira fase. Surgiu, então, a oportunidade de prestar o vestibular no ano de 2011. Fui incentivada pela diretora da escola a fazer um curso superior em uma área que sempre me identifiquei.

### **3 - TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

A escolha pela profissão de pedagogo é um sonho que está sendo concretizado, pois foram longos 11 anos de espera para ingressar nesse universo pedagógico. Foram muitas barreiras e percursos para conseguir ingressar no curso de pedagogia. Um dos principais fatores foi o econômico, pois, como já mencionado anteriormente, sou de família humilde. Meus pais sempre tiveram o sonho de ver os filhos formados, mas não tinham condições de arcar com a despesa de um curso superior, e as possibilidades de entrada em uma universidade pública eram bem limitadas, por não ter uma formação que me desse suporte para tal.

Por viver em uma sociedade capitalista, onde as escolhas são determinadas pelo capitalismo e por classe social, como nos ressalta SOARES (2002, p. 41) “que as possibilidades de escolha estão totalmente determinadas por este mesmo capitalismo, pela condição da classe social a qual pertencemos que nos transmite uma série de expectativas de padrões de comportamento e de consumo”, acabei sendo induzida a fazer uma escolha por uma profissão fora de uma carreira que não queria seguir, mas como precisava trabalhar, tive que aceitar tal profissão. Mas, por outro lado, foi por meio da minha atual profissão que pude me apaixonar cada vez mais pela pedagogia, mesmo com tantos desafios e dificuldades encontrados em um contexto educacional, vejo o quanto é gratificante ser uma educadora, fazer parte da construção do conhecimento do educando ansioso pela busca de conhecimentos, que chega inseguro, depositando toda sua confiança naquele que lhe servirá de espelho.

Durante muito tempo de espera, felizmente consegui dar início ao curso e realizar meu sonho. No ano de 2011, com muita alegria e expectativa ingressei no curso de pedagogia. E a partir desse ingresso no mundo da pedagogia tenho

aprendido e feito muitas descobertas, não pensei que um curso superior a distância exigisse tanto, tive que me adaptar e adaptar minha família a essa nova rotina. Pois é um curso que demanda muita leitura, pesquisa, análise e horas de estudos. No início pensei até mesmo em desistir, acreditava que não iria dar conta, não iria aguentar essa demanda de estudo por longos cinco anos; além do mais, tive o desafio de ter que aprender a lidar também com a tecnologia. Mas estou aqui e estou gostando muito. As ideias aprendizadas e conhecimentos evoluíram muito durante esses anos no curso de pedagogia. Ainda encaro algumas dificuldades, mas hoje tenho mais coragem para enfrentá-las e a vontade de alcançar o meu objetivo e de ser uma pedagoga aumenta cada vez mais.

Perante esse mundo acadêmico, fiquei surpresa com a metodologia adotada pelos educadores a qual não se reduz apenas ao ensino e informação, mas também uma relação de amizade e respeito, pela maioria dos professores e tutores, tornando a aprendizagem mais agradável, estimulando a pensar a pesquisar e a aprender fazendo; levando-me a descobrir que a aprendizagem ocorre graças ao desejo de aprender, na busca do seu próprio conhecimento, com mais liberdade de questionar e de expor experiências. Nesse contexto, foi possível perceber quanto é importante uma relação de respeito e afetividade em que propicie maior grau de interatividade e criatividade entre o seu conhecimento e o do alunado, pois segundo (OSTETTO, 2000, P. 06):

Não adianta ter um “planejamento bem planejado”, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age/atua, mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano.

Foram muitos conhecimentos adquiridos nesse curso, citarei contribuições de algumas disciplinas que me levaram a fazer reflexão pedagógica, as quais serão de grande contribuição na minha atuação como pedagoga. Não que as outras não sejam tão importantes quanto, mas essas me foram mais significativas: Didática Fundamental, Educação e Matemática I e II, Projeto III Fase 2 - Educação Infantil e Políticas Públicas Municipais, Projeto 4 – Fase 1 e 2. Selecionei essas disciplinas justamente porque elas me favoreceram na compreensão dos fundamentos, das

especificidades da teoria em relação à prática, com orientações gerais entre o saber docente e pesquisa docente em um contato direto com a realidade educacional.

“Para ensinar há uma formalidadezinha a cumprir- Saber”.

(Eça de Queirós; apud. LÜDKE, 2001, p. 77).

Na disciplina Didática Fundamental estudamos temas interessantes, principalmente sobre a importância do planejamento para um fazer pedagógico bem organizado, estruturado, articulado a atender os alunos de forma significativa, para melhor atingir objetivos.

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação (CEWK; MELLO, s/d, sp)

Essa disciplina me levou a perceber que nós enquanto educadores precisamos, ser comprometidos com a educação e com o aprendizado do educando, por ser assim devemos ter o planejamento como aliado da prática, pois é um processo de estratégias, coordenação, recursos e técnicas que organizam as atividades, que auxilia a ação docente, que contribui para articular a atividade escolar e a problemática do contexto social, facilitando o trabalho pedagógico e a aprendizagem do educando.

A disciplina Educação e Matemática I e II me proporcionaram descobrir que a matemática não é um “bicho de sete cabeças”, que nós devemos acabar com esse paradigma, devemos ser inovadores, criativos, para que nossos alunos possam ver a disciplina de forma positiva e perca o receio em relação à matemática. Um dos métodos são os jogos, uma vez que ficou observado com aplicações de jogos elaborados por mim, desenvolvidos nessa mesma disciplina de matemática, que quando os alunos são estimulados com métodos pedagógicos que envolvem o lúdico, eles se sentem mais motivados, desprendidos dos métodos tradicionais em realizar atividades, conquistando uma aprendizagem mais significativa em relação aos conteúdos matemáticos.

As crianças jogando, mesmo quando em atividade solitárias, desenvolvem determinadas atividades matemáticas. O jogo é considerado válido quando na atividade a criança é mergulhada num processo de criação ou resolução de problemas que o lança a colocar em cena suas capacidades cognitivas, sejam conhecimentos já adquiridos, seja sua capacidade de criar e de gerenciar novas estratégias do pensamento. (MUNIZ, 2010, p. 4)

É fundamental que compreendamos os obstáculos que envolvem a visão ultrapassada de ensinar matemática, buscando novos meios de superar e inovar as práticas pedagógicas com didática e planejamento diferenciados, que realmente vá ao encontro com a realidade do aluno, que respeite, ao mesmo tempo, a capacidade cognitiva e esteja de acordo com as habilidades e conhecimentos de cada um.

A disciplina Projeto III Fase 2 mostrou a importância da pesquisa na vida de um educador. A pesquisa é parte inerente ao desempenho do bom professor, pois o professor-pesquisador é sempre um eterno aprendiz, um ser criativo que está sempre inovando sua prática pedagógica buscando as melhores maneiras de atingir seus alunos, no processo de ensino/aprendizagem.

Finalmente a disciplina Projeto 4 – Fases 1 e 2 mostrou que é muito importante na formação do pedagogo, pois é nessa disciplina de intervenção, em suas duas fases, é que realmente desenvolvemos competências e habilidades e compreendemos a importância de relacionar teoria e prática.

Essas duas disciplinas foram essenciais para que eu pudesse perceber que a prática que envolve o ato de educar é permeada de descobertas, de interações, de observações e aprendizados. E que a aprendizagem do educador em sua caminhada pedagógica é contínua, não termina com a conclusão acadêmica. Uma vez que ficou claro que o educador deve estar sempre se atualizado, pesquisando e desenvolvendo projetos para que realmente desenvolva metodologias para uma aprendizagem que desperte nos educandos o desejo incessante de aprender. Segundo Stenhouse, “o professor deveria experimentar em cada sala de aula, tal como num laboratório, as melhores maneiras de atingir seus alunos, no processo de ensino/aprendizagem” (LÜDKE, 2001, p. 80). Essas experiências são capazes de levar o pedagogo a perceber o desafio e a responsabilidade que um educador

assume ao lidar com alunados cheios de manias, de inseguranças, mas ao mesmo tempo ansiosos pelo desejo de aprender.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ponderando sobre essa caminhada no curso de Pedagogia posso dizer que todas as disciplinas tiveram sua importância e contribuições para o meu crescimento pedagógico. Aprendi que educar é muito amplo, envolve uma série de ações, interações, diversidades, individualidades, aprendizagem significativa e conhecimentos. Por isso, a importância do pedagogo ser um constante pesquisador, para que a partir das implicações teóricas atenda o interesse dos educandos, levando-os a procurar sua autonomia, a conquistar sua personalidade social, a se tornarem cidadãos conscientes de seus atos. Aprendi também que o educador deve se pautar em práticas pedagógicas onde o educando tenha liberdade de transformar a sua realidade e educar-se num processo ativo de construção e reconstrução de sua própria aprendizagem.

O processo educacional deve submeter a natureza humana as regras por meio da disciplinação, da cultura, da civilização e da moralidade. Esta função não pode ser cumprida pelo professor que transmite informações, mas pelo educador que educa para a vida. (GOERGEN, 2005, p. 991)

Tenho a plena convicção de que devo estar sempre buscando modernizar minhas práticas pedagógicas para que elas estejam sempre atualizadas, acompanhando o processo evolutivo, o qual envolve uma educação diferenciada e inovadora em todos os contextos. Para que os educandos possam ser sujeitos participativos, críticos, criativos, autônomo e consciente de seu papel ativo na sociedade.

Além disso, o trabalho pedagógico por meio de projetos contribui de forma positiva e facilitadora para que o educando alcance uma aprendizagem significativa promovendo ações que permeiam a negociação e socialização de todos os conhecimentos. Essas ações, complementares proporcionam a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos em uma sociedade competitiva e capitalista.

## PARTE II – MONOGRAFIA

# Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil: Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores

### Introdução

No contexto de um mundo contemporâneo e globalizado, a fundamentação de uma sociedade inclusiva está pautada em uma filosofia que reconhece e valorize a diversidade. As mudanças pelas quais têm passado a sociedade têm levado a um novo serviço de educação inclusiva, a oferta da educação inclusiva na escola comum. “Desta forma, as escolas se converteriam em espaços democráticos, atendendo a todos os alunos independentemente de suas diferenças”. (SHIGEMOTO, 2008, P. 06).

“A primeira infância é um lócus excepcional, é onde se inicia a escolarização, a partir do qual devemos discorrer e praticar uma verdadeira educação emancipatória”. (SOUSA, 2012, sp). Nesse sentido, é importante que a inclusão no sistema educacional se inicie na educação infantil, uma vez que “a Educação Especial é uma área de conhecimento que visa promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência da educação infantil até a educação superior” (Idem, 2012, sp).

A partir dessas considerações, o presente trabalho tendo como título “Os Desafios da Educação Inclusiva na Educação Infantil. Uma análise a partir do ponto de vista dos Educadores”. O estudo do tema foi motivado pela necessidade de refletir como tem sido a prática pedagógica dos professores que atuam na educação infantil inclusiva, tendo em vista que as escolas devem atender a todos independentes de suas particularidades e necessidades. Além disso, foi motivado também à medida que constatei o quadro de alunos especiais matriculados na educação infantil. Esta inquietação está presente desde o estágio supervisionado que ocorreu na disciplina projeto 4 - fase 2 - Educação Infantil do curso de Pedagogia a distância da Faculdade

de Educação – UnB. O estágio me proporcionou um maior contato com a realidade educacional.

A educação inclusiva deve ser entendida como uma educação realmente participativa, que contemple verdadeiramente os diversos atores envolvidos na comunidade escolar, uma vez que a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência” (MEC/SEESP; documento elaborado, Portaria Ministerial nº 555; 2007).

Ou seja, consiste em não colocar apenas alunos com necessidades especiais junto aos demais alunos, mas implica em uma reorganização do sistema educacional, uma mudança do educador e uma revisão de antigas concepções de educação.

Diante disso a questão a ser problematizada nesse contexto é: Quais são as dificuldades percebidas pelos educadores da educação infantil, que atuam na educação regular, em relação ao trabalho pedagógico na educação inclusiva?

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo geral:

» Investigar as principais dificuldades encontradas pelos profissionais (psicopedagogas, professores e neuropedagogas) que atuam na prática inclusiva, especialmente na educação infantil da escola municipal Mundo Mágico<sup>1</sup>.

E como objetivos específicos:

» Identificar a percepção dos educadores sobre o trabalho pedagógico na educação inclusiva;

» Verificar como tem sido o trabalho pedagógico para a construção do conhecimento na Educação Inclusiva;

» Identificar quais as perspectivas do educador no trabalho com a Educação Inclusiva.

Conhecer a realidade educacional onde é desenvolvida a educação infantil inclusiva é importante para que possamos refletir sobre como se encontra a prática

---

<sup>1</sup> O nome da escola é fictício.

pedagógica na educação infantil inclusiva e o que precisa ser revisto para aperfeiçoá-la. Este estudo é relevante, porque analisa as opiniões dos sujeitos que fazem parte deste meio, e compartilham vivências diversas em relação à educação inclusiva.

Para cumprir os objetivos da pesquisa dividiu-se a apresentação da pesquisa em três Capítulos. O primeiro capítulo intitulado de “Referencial Teórico” apresenta relevantes pesquisas que nos serviram de luz para a análise do problema proposto neste trabalho. Foram analisados textos com estudos que abarcavam: inclusão escolar; a escola comum na perspectiva inclusiva e educação inclusiva na educação infantil. O segundo capítulo, “Metodologia”, apresenta caminho utilizado nesse estudo para se alcançar os objetivos previstos. Apoiou-se, então na pesquisa qualitativa, com características etnográficas, com observação participante e questionários aplicados individualmente à equipe multidisciplinar (psicopedagogas, neuropedagoga e professoras) que atuam na educação inclusiva na escola pesquisada Mundo Mágico. Por fim o Capítulo 3, “Apresentação e Análise dos Resultados”, se baseia nos dados da pesquisa de campo colhidos mediante, a observação participante e o questionário. Nesse capítulo constam os resultados da pesquisa cuja análise revelou, por um lado, a dedicação dos professores que atuam na educação inclusiva e por outro que ainda há um longo caminho a ser percorrido em relação ao preparo docente e a assunção da educação inclusiva como realidade, de fato, para todos aqueles que dela precisam.

## CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

Após a definição do problema de pesquisa iniciei as buscas em quatro sites especializados, para realizar a pesquisa bibliográfica. O primeiro site pesquisado foi o da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), especialmente, o GT 15, utilizei como mecanismo de busca a expressão, “Educação Inclusiva na Educação Infantil”, todavia o retorno foi apenas um texto que contribuía para análise. Os demais sites pesquisados foram Scientific Electronic Library Online (SciELO); Sistema de Bibliotecas da Unicamp; Periódicos da Capes. Neles, obtive um retorno significativo. Nas buscas realizadas foram encontrados 14 textos, mas 3 textos foram descartados porque não tocavam diretamente no problema de pesquisa e 11 textos foram analisados, conforme síntese apresentada abaixo.

### 1.1 - Inclusão Escolar

A argumentação de uma sociedade inclusiva está catalogada no reconhecimento a diversidade como característica essencial de qualquer sociedade. Por meio desse princípio ético é que se suscitou a necessidade de garantir direitos iguais a todos, independente das peculiaridades de cada pessoa ou grupo social.

A educação na vida da criança é o fator imprescindível para seu desenvolvimento na vida social, nesse sentido a escola deverá oferecer todos os indivíduos condições plenas de desenvolvimento. Então passam a surgir declarações e tratados mundiais que defendem a abrangência universal do direito à inclusão. Neste contexto, a educação especial é fruto da mudança de sociedade, do avanço das políticas públicas, de lutas e manifestos por oportunidades de inclusão compreendendo que todos os seres humanos são seres históricos e de direitos.

A partir do advento de uma nova visão de homem, mundo e sociedade a educação das pessoas com deficiência vem sofrendo profundas transformações que têm beneficiado a todos de um modo geral, as pessoas deficientes são vistas como indivíduos dotados de potencial criativo, intelectual e construtivo saindo dos guetos, tornando-se cidadãos que lutam por seus direitos previstos em lei. Há alguns anos não se acreditava ser possível que pessoas com deficiência auditiva, surdez, deficiência visual, cegueira, deficiência física, dentre outras, concluíssem o ensino infantil, fundamental e médio com um grau de aprendizagem aceitável. (SOUSA 2012, sp)

Nonato (2014, p. 9) ressalta que “educação inclusiva começou a ser difundida em grandes proporções no século XX e esta difusão em larga escala continua até hoje”, com conquistas efetivadas em busca de uma educação de qualidade e igualitária, em que, mudanças ocorreram no atendimento educacional especializado, visando torná-lo efetivamente inclusivo.

Vejamos como a Constituição Federal de 1988 define a educação:

A educação é um Direito de todos e dever do Estado, da família e da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, e a escola tem como obrigação atender a todos, seguindo os princípios de igualdade, acesso e permanência de aprender e ensinar (artigos 205 e 206) (BRASIL, 1988)

Assim se entende que a escola é concebida como um espaço de todos onde os alunos constroem seus conhecimentos conforme sua capacidade. Ou seja, “a escola tem como dever atender a todos independentemente de suas características físicas, cognitivas, bio psico sociais; dimensões subjetivas e objetivas – existenciais”. (NONATO 2014, p. 01).

Observamos que o direito a educação é direito de todos, da criança, do adolescente ou adulto, independente da necessidade ou dificuldade que apresentarem. Em no nosso Estado, são várias as leis que afirmam esses direitos, que todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Shigemoto (2008, p.08) nos apresenta:

Observando as diversas alterações ocorridas na legislação brasileira nos últimos anos – promulgação da Constituição Federal do Brasil (1988); criação da Política Nacional de Educação Especial (1994); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº. 9.394 (1996); criação da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (1999); o Plano Nacional de Educação (Lei Nº 10.172, 2001); podemos presumir a intenção de se promover um processo de educação inclusiva no país e a tentativa de solucionar os muitos problemas vivenciados na educação brasileira, ao longo de sua história.

Assim, nas formas de conceber educação como um direito de todos, no manifesto de educação inclusiva, Carneiro (2012, p. 83-84) considera que:

A concepção de educação inclusiva tem se fortalecido no sentido de que a escola tem que se abrir para a diversidade, acolhê-la, respeitá-la e, acima de tudo, valorizá-la como elemento fundamental na constituição de uma sociedade democrática justa. Essa concepção pressupõe que a escola busque caminhos para se re-organizar de forma a atender todos os alunos, inclusive os com deficiência, cumprindo seu papel social. Espera-se da escola inclusiva competência para desenvolver processos de ensino e aprendizagem capazes de oferecer aos alunos com deficiência condições de desenvolvimento acadêmico que os coloque, de forma equitativa, em condições de acessarem oportunidades iguais no mercado de trabalho e na vida.

Assim sendo a educação inclusiva parte desse intuito, que as escolas devem acolher todos, independentemente de suas condições pessoais, sociais ou culturais, onde os alunos com vários interesses e habilidades possam atingir seu potencial, em processo que aumente a participação e reduza a exclusão.

## **1.2 - A escola Comum na Perspectiva Inclusiva**

A escola que abarca a diversidade é a escola na perspectiva inclusiva e sua prática pedagógica se contrapõe a exclusão, com ensino voltado para todos os alunos que se distingui pela sua qualidade. Por educação inclusiva, entende-se o processo educativo que preconiza:

(...) que todos os alunos, independente de sua condição orgânica, afetiva, sócio-econômica ou cultural, devem ser inseridos na escola regular, com o mínimo possível de distorção idade-série. Entre os grupos historicamente excluídos do sistema regular de ensino, destacam-se os portadores de necessidades educacionais especiais — deficiências sensoriais (auditiva e visual), deficiência mental, transtornos severos de comportamento ou condutas típicas (incluindo quadros de autismo e psicoses), deficiências múltiplas (paralisia cerebral, surdo-cegueira) e altas habilidades (superdotados); que eram atendidos anteriormente pela Educação Especial (GLAT, FONTES & PLETSCHE, 2006; apud SHIGEMOTO, 2008, P. 08).

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação de todos. Shigemoto (2008) aborda essa questão da participação de todos, nos ressaltando que o professor sozinho não tem condições de sustentar o processo de inclusão escolar de alunos que foram historicamente marginalizados do processo educativo. Portanto, para que realmente se tenha uma escola com perspectivas inclusivas se faz necessário um trabalho em equipe, de todos os envolvidos no processo escolar, com organização e prática pedagógicas voltadas a respeitar a diversidade existente nas escolas. Ainda necessita da concretização das leis que garantam o acesso e permanência dos alunos, oferecendo diferenciações nos atos pedagógicos que contemplam as necessidades educacionais de todos em uma participação efetiva.

Shigemoto (2008, p. 09) ressalta ainda que: “Defender uma proposta de educação inclusiva significa, também, encarar o desafio de viabilizar políticas e produzir práticas capazes de ultrapassar os limites da simples colocação dos sujeitos na escola”. Mendes (2002, p. 14) aprofunda mais esse conceito ressaltando que:

As necessidades educacionais especiais não desaparecem com a mera inserção dos alunos na classe comum, e se professores do ensino regular muito provavelmente não conseguirão atender as necessidades de alguns de seus alunos, seria necessário prover apoios de professores e profissionais especializados a fim de que possa garantir uma educação devida.

Sendo assim, a inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais é uma questão a ser tratada com cuidado, pois constitui preparação prévia de profissionais a fim de qualificá-los para trabalhar com competência e conhecimento nessa área do ensino que requer atenção. Sabe-se que o aluno com alguma deficiência seja física, auditiva, visual, mental dentre outras, não possui o mesmo modo de aprendizagem dos “ditos normais”, dos que não apresentam Necessidades Educacionais Especiais. São necessários utilizar materiais e metodologias diversificadas para se atingir o objetivo que se espera alcançar com esses alunos. Para tanto, a formação dos profissionais que atuam na educação e a concretização das leis e a garantia de recursos (materiais, físicos e acessibilidade) são importante para superar as desigualdades educacionais existentes.

Atuar com alunos que necessitam conhecimentos sobre educação especial exige do professor maior atenção em relação à sua prática, o que consiste em compatibilidade de conhecimento e postura de enfrentamento, até mesmo para identificar o significado pedagógico de ter um aluno com necessidades educacionais em sua sala de aula. O professor que tem esse aluno em sua sala não pode deter-se em planejamentos padrões. (ALMEIDA, 2004, p. 7)

Nesse contexto, a formação de profissionais da educação, mais especificamente de professores da educação infantil, também é influenciada pelas transformações que acontecem na sociedade. Os níveis de ensino e a formação de professores vêm gerando mudanças nas universidades, tanto públicas quanto privadas que inserem nos cursos de graduação alterações importantes, como as Diretrizes Curriculares - Parecer CNE/CP 9/2001 e Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, que produzem novos objetivos aos currículos dos cursos de licenciatura. Os documentos citados destacam a existência de conteúdos sobre alunos com Necessidades Educacionais Especiais nos cursos de licenciaturas.

Uma vez que o professor da educação comum encontrará em suas práticas pedagógicas alunos com Necessidades Educacionais Especiais, então cabe a este adaptar diferentes intervenções pedagógicas ao grupo de alunos ao qual irá trabalhar para que promova o desenvolvimento de suas potencialidades e contribua para uma participação ativa e efetiva na sociedade.

### **1.3 – Educação Inclusiva na Educação Infantil**

O currículo e as propostas pedagógicas que compõem a educação infantil buscam atender a criança por meio de práticas que abarquem suas experiências pessoais e que estejam dentro da realidade específica dessa etapa. Um conjunto de práticas devem contemplar aspectos relacionados às diferenças culturais e sociais tendo como objetivo preparar culturalmente as crianças para melhor compreenderem a sociedade na qual está inserida e formá-las integralmente.

A educação infantil, ao longo dos séculos, passou por momentos históricos, momentos esses marcados por várias discussões teóricas e concepções acerca da educação, da infância e da criança em todo o seu processo de desenvolvimento,

com base em uma educação que fosse mais centrada e que atendesse de forma significativa o interesse da criança, suas Necessidades Educacionais Especiais e características diversas.

A educação e os cuidados na infância são amplamente reconhecidos como fatores fundamentais do desenvolvimento global da criança, o que coloca para os sistemas de ensino o desafio de organizar projetos pedagógicos que promovam a inclusão de todas as crianças. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional impulsionou o desenvolvimento da educação e o compromisso com uma educação de qualidade, introduzindo um capítulo específico que orienta para o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, que deve ter início na educação infantil. (BRUNO, 2006, P. 01)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) definem a educação infantil como primeira etapa da educação básica, que tem por finalidade o desenvolvimento integral de “todas” as crianças, de 0 a 05 anos de idade, inclusive as com Necessidades Educacionais Especiais, promovendo seus aspectos físico, psicológico, social, intelectual e cultural.

É importante que a educação infantil se perceba imprescindível no desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência, considerando seu espaço privilegiado para oportunizar experiências significativas que possibilitarão a esses alunos permanência nos níveis mais elevados de escolarização. (CARNEIRO 2012, p. 89)

Com a garantia do direito à educação infantil regida pela Constituição brasileira, sendo dever do estado afiançar a oferta da Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção tem gerando avanço da educação inclusiva nos últimos anos. Isso é demonstrado no crescimento de alunos com Necessidades Educacionais Especiais matriculados na educação infantil.

O número de crianças com algum tipo de deficiência na rede regular de ensino do País cresce a cada ano. O impacto da política de inclusão na educação infantil pode ser medido pelo crescimento das matrículas entre 2002 e 2006. O crescimento não é casual, mas resultado da mobilização da sociedade brasileira. (BIAGGIO, 2007, p. 19)

Nessa perspectiva de garantia à educação infantil, de crescimento de matrícula, da importância e necessidade de criar escolas que atenda a diversidade desde o início, Nonato (2014, p. 12) faz o seguinte posicionamento: “deve-se respeitar o princípio da Educação para Todos, que é o de educar, sem distinção, todas as crianças, garantindo-lhes uma educação de qualidade, que atenda a suas necessidades e especificidades”. Carneiro (2012, p.86) traz o seguinte comentário: “ações precisam ser desenvolvidas no âmbito da educação infantil para proporcionar escola que ofereça aos alunos com deficiência condições de se desenvolverem como cidadãos de direito”. Já a professora Francisca Roseneide Furtado do Monte, consultora da Seesp/MEC, afirma: “a inclusão tem força legal e política para quebrar barreiras sólidas em torno das minorias excluídas da sociedade”. (apud BIAGGIO, 2007, p. 22).

Na concepção educacional atual, a inclusão visa promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência da educação infantil até a educação superior. Faz-se necessário a inclusão no sistema educacional se inicie na primeira infância, este é o começo da escolarização, onde é necessário oferecer oportunidades e a qualidade nos serviços ofertados a todos os aprendizes, para que se desenvolvam pedagogicamente e como cidadãos.

É importante que a inclusão no sistema educacional se inicie na Educação Infantil. Este é um local no qual as questões suscitadas a respeito da diversidade e o encontro com o diferente acontecem em situações corriqueiras, diferente do que ocorre em outros níveis educacionais. A primeira infância é um lócus excepcional, este é o começo da escolarização, a partir do qual devemos discorrer e praticar uma verdadeira educação emancipatória. (SOUSA, 2012, sp)

É possível compreender a importância e a necessidade de os profissionais que atuam na educação infantil terem conhecimento na área da educação infantil inclusiva pedagógica. “A formação e a aquisição de conhecimentos sobre a educação inclusiva são imprescindíveis para fundamentar a prática pedagógica dos professores” (ALONSO; Nova escola; 2013, p. 04) para atender de forma significativa o aluno com Necessidades Educacionais Especiais. Isso pode ocorrer quando o conceito de inclusão escolar é efetivamente compreendido, dificuldades vivenciadas na prática são solucionadas. “Além da percepção do aluno como capaz,

o professor que quer fazer de seu trabalho uma ação inclusiva terá que pensar na modificação de sua prática pedagógica”. (CARNEIRO, 2012, p. 88)

Com a política de inclusão, a escola necessita refletir sobre sua prática pedagógica, pois ainda segundo (CARNEIRO, 2012, p. 88).

A prática pedagógica inclusiva deverá se constituir pela junção do conhecimento adquirido pelo professor ao longo de sua trajetória e da disponibilidade em buscar novas formas de fazer considerando a diversidade dos alunos e as suas características individuais.

Contudo, isso pressupõe proposta pedagógica na instituição, para proporcionar inclusão total e incondicional desses alunos na sala de aula do ensino regular, apresentado projetos, currículos, metodologias de ensino e recursos didáticos flexíveis, com competência de contemplar e atender as diferenças. O objetivo é garantir à criança, desde o início de sua escolarização, princípios de inclusão, onde o desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa a ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional, com condições básicas para seu ingresso e permanência na educação como lhe é assegurado na legislação.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

### 2.1- Aspectos metodológicos da pesquisa

Para que todos os objetivos fossem alcançados, o presente trabalho teve como embasamento a revisão da literatura, a pesquisa qualitativa, com características etnográficas, com observação participante, aplicação de questionário (Apêndices A, B e C) e conversa informal com a secretária de educação.

André (s/d, p. 28) define que um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação, quando se faz uso das técnicas de observação participante, entrevistas e análise de documentos.

Segundo Gonsalves (2001, p. 67, apud, PIANA, 2009, p. 169).

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]

André (s/d, p. 28) nos ressalta que:

A observação participante parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados.

Para a observação, foi preciso uma interação com a situação estudada, nesse sentido sou sujeito participante da realidade observada. Fique imersa na instituição por quatro dias consecutivos, para observar como tem sido o trabalho pedagógico para a construção do conhecimento na educação inclusiva, (atividades, recursos pedagógicos, brincadeiras internas e externas), também a prática pedagógica dos professores, como os mesmo têm desenvolvido o seu trabalho com as crianças especiais; as manifestações das crianças; a intervenção da professora junto à criança que necessita de uma educação especial; a relação da professora com as

crianças especial; a relação da criança especial com as outras crianças e entre os adultos, bem como outros aspectos que foram de interesse da pesquisa.

O questionário é um instrumento elaborado para que os participantes possam expor por meio de questões abertas, as opiniões quanto à formação do professor, no trabalho inclusivo na educação infantil e perspectivas no atendimento da criança que precisam de atendimento especial. Para melhores resultados foi preciso uma aproximação e um contato direto com a realidade educacional.

Os questionários foram aplicados individualmente. Após a apresentação da pesquisa e os esclarecimentos de seus objetivos, os professores, a psicopedagoga atual e a neuropsicóloga assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2) e levaram o instrumento para casa com tempo estabelecido para retorno. Alguns entregaram tempo acordado, outras precisaram de um tempo maior, e somente uma professora não deu retorno do questionário. Para a psicopedagoga que atuava na escola e que se dispôs de bom grado a ajudar na pesquisa, o questionário foi enviado por e-mail, pois a mesma não residia mais na cidade.

Na conversa informal aberta com a secretária de educação, foi feito um levantamento sobre questões que abarcam a educação inclusiva e dos trabalhos realizados em parceria para uma prática inclusiva.

## **2.2 - Os Participantes da Pesquisa**

A fim de compreender como vem sendo desenvolvido o trabalho pedagógico dos educadores da educação infantil na questão da Educação Especial inclusiva, utilizou-se a pesquisa de campo, tendo como instrumentos de coleta de dados o questionário e a observação participante.

Nesse sentido, buscou-se um trabalho voltado aos professores que têm em sua sala crianças que necessitam de uma educação especial, tanto do turno matutino quanto vespertino. Para elucidar ainda mais essa temática buscou-se também incluir na pesquisa a psicopedagoga e a neuropsicóloga que desenvolvem trabalhos na instituição pesquisada. Além disso, incluiu-se também uma

psicopedagoga que prestava serviço às escolas do município, voltado a cursos de formação na prática com os educadores que compõe o quadro das instituições escolares do município.

A partir dos pressupostos teóricos, os professores, psicopedagogas e a neuropedagoga e as situações foram observados, visando esclarecer, de que forma esses profissionais da educação infantil percebem o trabalho e quais a percepção dos mesmos sobre o trabalho pedagógico na educação inclusiva.

Observar é um processo e possui partes para seu desenrolar: o objeto observado, o sujeito, as condições, os meios e o sistema de conhecimentos, a partir dos quais se formula o objetivo da observação (BARTON; ASCIONE, 1984; apud, BELEI. et al, 2008, p. 191).

A análise dos dados coletados foi feita mediante a discussão que está posta no referencial teórico, tanto no sentido de confirmar o que os autores disseram; tanto no sentido de identificar alguma contradição ou até mesmo trazer dados novos sobre o tema estudado.

### **2.3 - Contexto da pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública, criada a fim de se cumprir a lei que estabelece que oferta de educação infantil, para que primeira etapa da educação básica seja pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

A Escola Municipal Mundo Mágico, criada pela Lei Mun. nº 0557/81 de 29/09/1981, é uma extensão da Escola T. F. P. Uma instituição pequena com somente 14 salas, sendo no turno matutino, das 7h00min às 11h20min, e 7 salas no turno vespertino, das 12h40min às 17h00min. Possui também coordenação, cozinha e banheiros; atendendo atualmente 279 alunos, provenientes da área rural e urbana com idade entre 4 e 6 anos. A escola atende alunos que cursam do jardim 1 ao jardim 2 da Educação Infantil. A equipe é formada por 14 docentes, todos com formação superior, a maioria em pedagogia, outras em disciplinas específicas, alguns já possuem pós-graduação. Além disso, a instituição conta com 5 professores de apoio que acompanham as crianças com Necessidade Educacionais

Especiais, 4 merendeiras, 4 auxiliares de serviços gerais, 2 coordenadoras pedagógicas e 2 porteiras, que controlam a saída e entrada das pessoas na escola. Possui ainda, uma diretora e a vice diretora, eleitas no final de 2013, pela a maioria dos pais, responsáveis e também pelos funcionários que lá trabalham; 1 psicopedagoga e 1 neuropedagoga que orientam os alunos, principalmente aqueles com Necessidades Educacionais Especiais e orientam também os educadores, 1 nutricionista que elabora o cardápio do lanche e 1 dentista que recomenda sobre a saúde da boca. A secretaria fica na matriz T. F. P., onde são feitas as matrículas com critérios para que a criança já esteja na fase de inserção na educação infantil jardim 1 ou 2. Cada criança possui uma pasta com a ficha de matrícula, comprovante de endereço e certidão de nascimento, em caso de crianças especiais os laudos.

O pátio não é tão amplo e um pouco arborizado. É nessa área onde as crianças têm recreação e também as aulas de educação recreativa aplicada pela própria educadora regente de sala, pois a escola não tem quadra de esporte. Em dias chuvosos, as atividades de recreação são desenvolvidas dentro da própria sala de aula. A escola não tem laboratório e nem biblioteca, sendo assim, os livros ficam na sala da coordenação. A estrutura da escola é precária, algumas salas são muito pequenas, carteiras desconfortáveis, falta bebedouros, sala de descanso para os professores, um espaço para arte e para a música, palestras e datas comemorativas. O que percebo é que a instituição não é um ambiente adequado para ofertar educação infantil no sentido de que:

Torna-se fundamental que o cuidado exija um ambiente adequado que considere as necessidades integrais da criança, respeitando suas peculiaridades, como sujeito ativo do seu próprio desenvolvimento no contexto mais amplo de sua vida. (COSTA, 2006, sp. )

Como também não é uma instituição totalmente inclusiva, visto que a acessibilidade é um aspecto de inclusão. A escola não conta com adaptações para crianças com deficiência, os banheiros, pátio, as salas não são acessíveis. O piso não é adequado, não possui rampas, corrimões nos corredores e salas, nesse sentido as crianças com deficiência têm muitas dificuldades com a estrutura a qual se encontra a escola. Uma vez que a escola não tem disponibilidades de espaços adequados para receber as pessoas com necessidades educacionais especiais.

Garantir acesso, e mobilidade às crianças é um dever da sociedade e da escola, com o objetivo de fazer com que elas tenham facilidade para agir, independente de sua condição física. Facilitar o acesso, adaptar estruturas, como rampas, banheiros, corredores, retirar as barreiras para se tornar o mais fácil possível para a convivência de todos. (FREITAS. et al; 2014)

A clientela atendida pela escola é formada basicamente por crianças de classe média, algumas mais carentes, sendo que umas moram na cidade, outras em área rural; chegam à escola de ônibus fornecido pela Prefeitura local, ou com transporte próprio acompanhado de algum responsável.

## **CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A análise de dados se baseia nos dados da pesquisa de campo colhidos mediante a observação participante e o questionário. Empreendeu-se um esforço para cotejar os dados com a apreciação dos conceitos postos no Referencial Teórico. O público participante da pesquisa foi, conforme mencionado no Capítulo 2, com os professores que atuam na área da educação inclusiva junto às crianças com necessidades educacionais especiais e com as psicopedagogas e uma neuropedagoga.

### **3.1- Apresentação da análise de Pesquisa de campo com observação participante**

Por meio da pesquisa de campo foram utilizados os instrumentos da observação participante. Em um primeiro momento se buscou saber a quantidade de alunos especiais que são atendidos na instituição e a quantidade de alunos por turmas, além de outros aspectos que serão descritos mais adiante. Com o questionário buscou a identificação pessoal dos profissionais e também outros dados que atendessem os objetivos que se pretende alcançar com essa pesquisa.

Os procedimentos adotados na pesquisa obedeceram aos critérios da ética em pesquisa em educação. Nesse sentido, os procedimentos usados não ofereceram riscos à dignidade de nenhum dos participantes. Para tanto, a identidade dos participantes será preservada e vamos identificar os professores por meio das siglas: LL, SL, RL, ML. Como já mencionado acima, uma das professoras não deu retorno do questionário, o que ficou subentendido que não consentiu em participar da pesquisa.

O quadro a seguir sintetiza levantamentos feitos por meio da pesquisa de campo.

Quadro 1: resultado do questionário professoras

|   |  |             |                  |            |
|---|--|-------------|------------------|------------|
| Total de Salas  | 14   | Jardim I    | Jardim 2         |            |
| Total de salas com crianças especiais                   | 5  | 1matutino   | 4vespertino      |            |
| Quantidade de alunos por turmas                         | 1 especial   | 23 no total | 20 a 23 no total |            |
| Siglas dos professores que atuam com crianças especiais | LL   | SL          | RL               | ML         |
| Formação inicial  | Magistério   | Pedagogia   | Letras           | Magistério |
| Licenciatura  | Pedagogia  | Pedagogia   | Letras           | Geografia  |
| Tempo de atuação na educação <sup>2</sup>               | 7 anos   | 6 anos      | 5 anos           | 10 anos    |
| Termino da formação inicial                             | Há 5 anos  | Há 4 anos   | Há 8 anos        | Há 11 anos |
| Formação continuada. Área                               | Pós-graduação em Ed. Infantil; Teorias e práticas da inclusão. | Não         | Não              | Não        |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

<sup>2</sup> A maioria das professoras tem mais tempo de atuação do que de formação, ou seja, a maioria se formou em serviço. A exceção da RL

A educação inclusiva é uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com Necessidades Educacionais Especiais.

Sabemos que com a contribuição de discussões internacionais, o avanço e as conquistas da inclusão escolar e dos direitos humanos visam, no campo das intenções, a uma educação especial atual comprometida com a garantia dos direitos das crianças e jovens com deficiências na rede regular de ensino. (NONATO 2014, p. 11).

Dessa forma, na observação participante, verificou-se que a escola busca um processo de inclusão, pois é uma escola aberta à diversidade. Como destacado no quadro acima em um total de 14 salas, em 5 delas contêm um aluno especial, e essas crianças especiais têm acesso à sala regular durante todo o período de aula. Mas, isso por se só não é considerado inclusão. De acordo com (MENDES, 2002, p. 14) “as necessidades educacionais não desaparecem por a criança estar inserida na classe comum”. A esse conceito Carneiro (2012, p. 86) entende que:

A construção da escola inclusiva desde a educação infantil implica em pensar em seus espaços, tempos, profissionais, recurso pedagógicos etc. voltados para a possibilidade de acesso, permanência e desenvolvimento pleno também de alunos com deficiências, alunos esses que, em virtude de suas particularidades, apresentam necessidades educacionais que são especiais. Talvez o maior desafio esteja na prática pedagógica.

“Embora todos os aspectos mencionados sejam fundamentais e estejam atrelados uns aos outros, a ação pedagógica direcionada e intencional contribuirá em muito para a inclusão em seu sentido pleno”. (Idem, p. 86). A esse respeito, a observação possibilitou a constatação de que deve existir um empenho maior dos profissionais na construção de conhecimento desses pequenos aprendizes especiais. Os professores não sabem ou não estão preparados para lidar com tais alunos, têm uma boa relação, elaboram atividades, mas não intervêm de forma ativa, não fazem um acompanhamento junto à criança, não buscam uma ação direcionada, deixando mais esse desafio para as professoras de apoio. São essas que têm um maior contato, que desenvolvem um trabalho com esses alunos no contexto da escola.

Diante desse argumento há que se considerar os estudos de Shigemoto (2008, p. 08) que em suas pesquisas, conferiu que:

Apesar de tantas alterações já ocorridas, especialmente na legislação, vivenciamos diariamente, uma realidade bastante diferente em nosso meio educacional: uma escola mal equipada, com profissionais pouco capacitados para lidarem com a grande diversidade de alunos, o que desencadeia um ensino elitista e excludente, que culpabiliza o aluno pelo fracasso, ou simplesmente os exclui do processo educacional.

Observa-se, desse modo, que a inclusão não se restringe somente na simples colocação dos sujeitos na escola como nos ressaltou Shigemoto (2008), é necessário reconstruir as práticas que até então têm mantido a exclusão. Almeida (2004, p. 07) também constatou em seus estudos que “professores que atuam com alunos que necessitam de conhecimentos especiais tem que ter uma atenção maior em relação a sua prática”. É preciso reconhecer as diferenças dos alunos diante do processo educativo e buscar a participação de todos e abarcar novas práticas pedagógicas, para o desenvolvimento global e integral da criança.

“A escola inclusiva terá que construir uma história de interação com esses alunos de modo que se percebam indivíduos capazes de aprender. (...) todos os seus atores, deve se abrir para essa experiência do conhecer”. (CARNEIRO, 2012, p. 87). No que ficou observado, os pequenos aprendizes têm uma ótima interação, as crianças “ditas normais” aceitam e se abrem para a criança especial, mantêm um vínculo afetivo. Estão sempre dispostos a ajudar nas brincadeiras, tanto dentro de sala, quanto na recreação, buscam sempre a interação com esse aluno, o que contribui ativamente para a construção de um saber coletivo. “Aos pares, a convivência desde a educação infantil em um modelo inclusivo pressupõe a formação de novas gerações com concepções sem preconceitos sobre o outro”. (Idem, 2012, p. 87).

Ficou constatada também uma boa relação da criança especial com os adultos, que estão sempre a buscam um diálogo, um vínculo de proximidade. Isso traz a oportunidade de viver integralmente, que faz um grande benefício, imprescindível de cidadania para as crianças com deficiência.

### 3.2 - Análise do questionário com os professores que atuam na área da educação inclusiva

A proposta baseada na inclusão na escola regular demanda mudança de atitude e postura, requer ações dos professores que atenda a vasta diversidade de características e necessidades das crianças, com metodologias de ensino que seja significativa para uma educação realmente inclusiva e de qualidade para todos.

A pesquisa buscou saber dos professores se sua formação acadêmica lhe ofereceu subsídio para enfrentar os desafios da educação inclusiva, os professores disseram que:

Quadro 2: fala das professoras

|    |  |
|----|--|
| RL | “Minha formação me orientou a lidar com as possibilidades e diferenças de cada aluno”.   |
| LL | “Só o básico, pois a modalidade requer constante capacitação e aperfeiçoamento”.   |
| SL | “Não (...) na teoria é uma coisa e na prática é outra”.  |
| ML | “Não muito, porque na época pouco se falava em Educação Inclusiva. Atualmente até Módulo de Libras se tem nos cursos de Pedagogia. Evoluiu muito”. |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

A esse respeito Shigemoto (2008, p. 10) ressalta:

A Lei 9.394/96, no Art. 59, III diz que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses alunos nas classes comuns”. Mas, percebemos que os cursos de formação de professores encontram-se distantes dessa realidade.

Shigemoto (2008) baseado em seus estudos indica, para que ocorram mudanças de um sistema educacional tradicionalmente excludente para um sistema educacional comprometido em responder às necessidades educacionais de todos, inclusive às dos alunos especiais, concepções precisam ser mudadas desde prática cotidiana, à efetivação das políticas públicas e a necessidade de melhoria na formação de professores. “O professor deve ser formado e/ou capacitado de maneira, a saber, mobilizar seus conhecimentos, articulando-os mediante ação e reflexão teórico-prática” “(GLAT et al., 2006; apud, Idem 2008, p. 09) . “Essa formação deve abranger a reflexão sobre o papel do professor na formação de todos os seus alunos”. (CARNEIRO, 2012, p. 88)

Os estudo de Shigemoto (2008) baseado nessa visão de (GLAT et al., 2006), está de acordo com o que dizem as professoras quando questionadas como achavam que deveria ser a formação do professor no trabalho inclusivo para a educação infantil.

As professoras RL, SL e LL disseram “acreditar que deveriam ser capacitados e especializados de acordo com o grau de necessidade dos alunos. LL ainda acrescentou que a capacitação deveria também se basear nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes”.

A professora ML sugere que “seria necessário durante o curso superior não só a disciplina educação especial, mas também estágio específico com alunos com Necessidade Educacionais Especiais, pois a teoria e prática são bem diferentes”.

Considerando as falas das professoras e o estudo da literatura acima, se observa que é de fundamental importância ter uma boa formação inicial. Além disso, a formação continuada é imprescindível para um trabalho verdadeiramente inclusivo. Outro aspecto se relaciona à importância da teoria atrelada à prática. A ação e reflexão é o caminho para desenvolver um trabalho de competências relevantes junto a essas crianças. Aprender a trabalhar na área da educação inclusiva é essencial para que não haja exclusão, e sim adaptações que levem a criança a ser realmente incluída, pois a criança com deficiência conquistou em termos legais o direito à Inclusão Escolar. Assim, buscou-se saber das professoras que tipo de aluno a educação inclusiva atende. Todas deram o mesmo sentido de respostas, “atende

crianças que necessitam de educação especial, porém as mesmas têm que ter laudo para comprovarem suas respectivas deficiências”.

Outra questão que foi levantada é como são planejadas as aulas dos professores.

Quadro 3: fala das professoras

|         |   |
|---------|---|
| RL e SL | “O plano precisa atender a todos os alunos, adequando-se a realidade de cada um. Cada aluno tem uma maneira de aprender”.                                   |
| LL      | “São adaptados conforme a realidade de cada aluno”.   |
| ML      | “O planejamento é feito de forma coletiva, mas ajustado de modo particular para o aluno que sentir necessidade, para que assim possa acompanhar os demais”. |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Partido desse aspecto se constatou que os professores reconhecem que o aluno com necessidades especiais demanda um caminho diferente de aprender, para isso é preciso uma flexibilidade da ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento, de modo adequado às necessidades especiais de aprendizagem que cada aluno apresenta.

Na pesquisa buscou também saber dos professores como é o trabalho pedagógico com essas crianças que necessitam de educação especial. Eles, assim se manifestaram:

Quadro 4: fala das professoras

|    |  |
|----|--|
| RL | “É um trabalho que visa o desenvolvimento da criança, dentro de suas limitações”.                                    |
| SL | “Tento desenvolver um trabalho de acordo com a necessidade do aluno”.  |
| LL | “Um currículo aberto, com propostas curriculares diversificadas e flexíveis, para atender as necessidades do aluno”. |
| ML | “É um trabalho que demanda habilidade, competência, paciência; e é árduo”.   |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

A esse respeito Carneiro (2012, p. 89) entende que:

O fazer do professor da classe comum está diretamente ligado ao fazer para alunos ditos normais, ou seja, aqueles dentro dos padrões estabelecidos socialmente como normais. E mesmo para esses existem divergências tanto metodológicas quanto no que se refere às relações interpessoais travadas em sala de aula, pois é sabido que a aprendizagem é um fenômeno individual e particular sendo experienciada de forma diferente por diferentes sujeitos. No entanto, todo o planejamento do professor é voltado para este alunado. No momento em que ele recebe em sua turma um aluno com necessidades específicas, torna-se necessário que seu planejamento seja flexível a ponto de oportunizar modificações efetivas sem, contudo, minimizar sua qualidade. Essa flexibilização curricular deve englobar toda a prática pedagógica do professor. O planejamento de suas atividades deve considerar as formas diferentes de aprender dos alunos. Em caso de alunos com deficiência, cada característica específica de aprendizagem deve ser considerada, passando por ações práticas na realização da aula, buscando metodologias, estratégias e recursos condizentes com as necessidades individuais, culminando em uma avaliação formativa que considere a evolução de cada um.

Shigemoto (2008, p. 91) estudando Ripley (1997) constatou que trabalho colaborativo envolve a participação de todos os envolvidos na escola, envolve também tempo, suporte, recursos, pesquisas, monitoramento, e, acima de tudo, persistência. A esse respeito em relação ao trabalho colaborativo os professores apregoaram que uma das maiores dificuldades que enfrentam é voltada a questão do suporte, recursos e pesquisas.

Quadro 5: fala das professoras

|         |   |
|---------|---|
| LL      | “(…) desde materiais didáticos, adaptações físicas (…) até a falta de comprometimento das famílias”.  |
| SL      | “A falta de materiais didáticos pedagógicos e a estrutura física que não é adequada, torna a educação inclusiva mais difícil ainda de acontecer”. |
| RL e ML | “A falta recursos, materiais pedagógicos adequados, adaptações da escola, tudo isso torna o trabalho difícil”.                                    |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Na visão dos mesmos, ações devem ser realizadas para que essas dificuldades sejam superadas e assim possam desenvolver um trabalho significativo voltado realmente para um modelo de inclusão. Dentre dessas ações os professores citaram:

Quadro 6: fala das professoras

|    |  |
|----|--|
| LL | “(…) Ver a diversidade como um atributo significante ao processo de aprendizagem, (…) romper barreiras, superar os limites e minimizar a rejeição”                   |
| SL | “Que haja recursos financeiros, mas investimento (…) que proporcione uma melhor educação inclusiva”.   |
| RL | “Investimentos em materiais de apoio, espaço adequado, suporte para um bom planejamento”.  |
| ML | “Muitas ações, a principal é subsidiar as escolas com recursos pedagógicos, com materiais didáticos, e adequar a estrutura da escola e buscar parceria com os pais”. |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Diante as dificuldades enfrentadas por esses profissionais, na pesquisa verificou-se que os profissionais não perderam a esperança em uma educação realmente voltada à inclusão, podendo isso ser constatados em suas falas sobre as perspectivas no trabalho com a educação especial.

Quadro 7: fala das professoras

|    |  |
|----|--|
| LL | “que haja respeito e aceitação com a diversidade e que a sociedade seja plural, onde as diferenças não impeçam o convívio harmonioso entre os seres”.  |
| SL | “Que um dia a educação inclusiva seja realmente vista pelas as autoridades responsáveis como algo que deve realmente existir, (…) no reconhecimento do profissional que é visto somente como um cuidador e não como o mediador”. |

|    |   |
|----|---|
| RL | “A educação inclusiva precisa deixar de andar a passos curtos, (...) essa ilusão que se prega na TV de uma educação bonita, acolhedora e inclusiva precisa ser vista na realidade, ser colocando na prática, (...) teorias não traz resultados aprazíveis”. |
| ML | “Que o quanto antes a educação inclusiva atinja seu verdadeiro objetivo, o de aceitação e reconhecimento das diferenças, que as políticas públicas deixem de existir somente no papel e seja concretizada”.   |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Percebe-se que essas visões dos professores se entrecruzam com a de Shigemoto (2008, p. 03) quando ressalta que “o aprender com as diferenças possibilita assim, a construção de um paradigma educacional flexível e dinâmico, propício à inovação e aberto às novas conexões”.

### **3.3- Análise do questionário com a psicopedagoga e neuropedagoga que atuam na área da educação inclusiva**

Buscou-se saber dos profissionais que fizeram parte e dos que estão novamente tentando desenvolver o trabalho de acompanhamento, orientação e atendimento tanto dos professores quanto dos alunos em uma tentativa de se alcançar melhores resultados para os objetivos dessa pesquisa: quais as principais dificuldades encontradas do ponto de vista multidisciplinar (psicopedagogas, neuropedagoga e professoras) na educação infantil, da escola municipal Mundo Mágico na prática inclusiva.

O quadro a seguir sintetiza levantamentos feitos por meio da pesquisa de campo com esses profissionais.

Quadro 8: resultado do questionário das Psicopedagogas e neuropedagoga.

| X                        | Especialização                 | Tempo de atuação na área da Educação | Graduação              | Formação Continuada  | Tempo de atuação na escola pesquisada |
|--------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|------------------------|--|---------------------------------------|
| Psicopedagoga Atual      | Pedagogia                      | 22 anos                              | Docência Universitária | Várias na área da educação inclusiva   | 3 anos                                |
| Psicopedagoga que atuava | Pós-graduada em Psicopedagogia | 34 anos                              | Pedagogia              | graduando em psicologia  | Atuou por 5 anos                      |
| Neuropedagoga            | Neuropedagogia                 | 10 anos                              | Pedagogia              | Língua portuguesa, capacitação em matemática e Pacto pela alfabetização na idade certa | 6 meses                               |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Shigemoto (2008, p. 02) traz que:

Sabemos, no entanto, que o professor sozinho, não tem condições de sustentar a complexidade envolvida no processo de inclusão escolar de alunos historicamente marginalizados do processo educativo, como por exemplo, os alunos com necessidades educacionais especiais.

Fica percebido nesse sentido que a secretaria de educação juntamente com a instituição está no caminho certo, em parceria estão buscando um novo rumo no trabalho ofertado às crianças com necessidades educacionais, com esforço em conjunto com professores, gestores, psicopedagogo e neuropedagoga.

Na pesquisa buscou saber das profissionais o seu posicionamento de como deveria ser a formação do professor no trabalho inclusivo na educação infantil.

A esse respeito Almeida (2004, p. 06) afirma que:

Frente ao valor da educação escolar, a formação de professores deve contemplar diferentes formas de estudo e conteúdo, de acordo com a realidade social e econômica da região e do país. Proporcionar ao futuro professor formação com embasamento teórico e capacidade de reflexão crítica sobre os processos políticos e educacionais é a função principal dos cursos que formam professores.

Na consideração na formação dos professores, as psicopedagogas e neuropedagoga assim se expressaram:

Quadro 9: fala das Psicopedagogas e neuropedagoga.

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Psicopedagoga que atuou | Penso que todo seguimento educativo deveria fazer uma abordagem mais ampla sobre a educação inclusiva nos cursos de graduação, principalmente na Pedagogia e nas Pós-graduações, pois esses profissionais se deparam todos os dias com alunos com NEE e às vezes, não tem bagagem nenhuma para lidar com as situações de sala de aula que dizem respeito à Inclusão desses alunos. |
| Psicopedagoga atual     | Deveria ter mais parceria no geral. Principalmente buscar novos meios de conhecimentos para nossos profissionais.  |
| Neuropedagoga           | Quanto mais o profissional estiver qualificado, melhor é claro que não só na teoria mais deve ser colocada a prática com interesse, motivação para melhor atender a necessidades dos alunos que chegam no ambiente escolar.  |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Assim pode se confirmar um diálogo nas concepções dos professores, psicopedagogas e neuropedagoga com os teóricos utilizados quanto na formação dos professores. Esses mostram que a formação dos professores deve contemplar diferentes formas de estudo, principalmente abarcando a prática para que haja uma ação e reflexão da com a teórico-prática, para um trabalho que melhor atenda o aluno com necessidades educacionais de forma realmente que seja inclusão.

Na pesquisa buscou também saber desses profissionais como eles ver o trabalho pedagógico dos professores na construção do conhecimento na educação infantil inclusiva, assim se manifestaram:

Quadro 10: fala das Psicopedagogas e neuropedagoga.

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Psicopedagoga que atuou | Não é fácil, mas também não é impossível, mas falta maior dedicação por parte desses profissionais, muito se apoiam na alegação da falta de estrutura e de recursos pedagógicos.   |
| Psicopedagoga atual     | Falta a conscientização e a sensibilização por parte dos professores. (...) ainda há um bloqueio muito grande na questão de incluir o aluno, pois os professores muitas vezes acha que o aluno é do professor de apoio, enquanto não é verdade, pois o apoio o próprio nome já diz é um apoio. |
| Neuropedagoga           | Vejo que tem profissionais esclarecidos mais o que falta para melhorar é que cada um faça sua parte, independente de infraestrutura.   |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

As argumentações dessas profissionais tende a confirmar o que ficou observado pela pesquisadora quanto a prática desenvolvida pelas as professoras com os alunos especiais, e com a literatura utilizada em relação à atuação dos

professores, principalmente nas falas “profissionais pouco capacitados”, “talvez um dos maiores desafios esteja na prática”, “ter uma maior atenção com suas práticas”.

Quando questionadas de como as psicopedagogas e a neuropedagoga buscam sensibilizar a participação dos profissionais na educação inclusiva, na prática do cotidiano escolar, as mesmas assim se manifestaram:

Quadro 11: fala das Psicopedagogas e neuropedagoga.

|                         |   |
|-------------------------|---|
| Psicopedagoga que atuou | “Tento contagiar esse profissionais, mostrando que é possível se fazer inclusão, para que façam a diferença onde atuam e com quem atuam”. |
| Psicopedagoga atual     | “Procuro auxilia-los da melhor maneira, e busco subsidiar com materiais adequados para cada situação”.                                    |
| Neuropedagoga           | “Com diálogo com os colegas de profissão, esclarecendo as formas que podem lidar no dia – a – dia com nossos alunos”.                     |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Assim se despontaram quando se buscou saber de como veem o trabalho desenvolvido por elas com esses professores que atuam na educação infantil inclusiva.

Quadro 12: fala das Psicopedagogas e neuropedagoga.

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Psicopedagoga que atuou | “É um trabalho que demanda habilidade, competência, técnicas, paciência, muito amor, carisma, materiais lúdicos; é árduo, no entanto muito gratificante”.    |
| Psicopedagoga atual     | “Faço o que posso dentro da nossa realidade, buscando a melhoria para nossos profissionais para que assim desenvolva um bom trabalho junto às esses alunos”. |
| Neuropedagoga           | “Tenho pouco tempo de atuação, espero conseguir  |

|  |   |
|--|---|
|  | realizar juntamente com colegas de profissão auxiliar trazendo qualidade aos alunos com necessidades educacionais”. |
|--|---|

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

De acordo com Nonato (2014, p. 12):

Na instituição de Educação Infantil que desenvolva a proposta inclusiva, deve se respeitar o princípio da Educação para Todos, que é o de educar, sem distinção, todas as crianças, garantindo-lhes uma educação de qualidade, que atenda a suas necessidades e especificidades. Isso pressupõe fazer modificações na estrutura organizacional e na proposta pedagógica da instituição, além de requerer um investimento nos recursos humanos, buscando eliminar preconceitos e barreiras, conscientizar pais, alunos e professores e investir na formação de profissionais da educação. Dessa forma, a Educação Infantil deve estar voltada para os princípios da inclusão, garantindo à criança, desde o início de sua escolarização, as condições básicas para seu ingresso e percurso na educação como lhe é assegurado na legislação.

Tendo em vista essa afirmação de Nonato (2014) citado acima principalmente quanto às modificações na estrutura organizacional e investimento nos recursos humanos buscando eliminar preconceitos e barreiras, conscientizar pais, alunos e professores e investir na formação de profissionais da educação, observa-se uma relação com as falas das psicopedagogas e da neuropedagoga quando exprimem suas dificuldades enfrentadas ao trabalhar com inclusão na educação infantil.

Quadro 13: fala das Psicopedagogas e neuropedagoga.

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Psicopedagoga que atuou | Uma das maiores dificuldades é quando a própria família não aceita que o filho tem NEE. Pois escola e família devem trabalhar em parceria para que o trabalho seja mais significativo. Outra dificuldade é a falta de preparo do quadro docente, a falta de materiais lúdico-pedagógicos, etc. Logo dá para perceber que no caminho da Educação inclusiva não são só flores. |
|-------------------------|--|

|                     |  |
|---------------------|--|
| Psicopedagoga atual | Uma das maiores dificuldades é na atuação com nossos próprios colegas de trabalho (...) com os pais.   |
| Neuropedagoga       | É uma visão de atuação diferenciada, pois cada caso da criança com NEE tem suas características específicas para ser desenvolvida, (...) além de não parceria com os pais. |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Quanto às ações que devem ser realizadas para que dificuldades sejam superadas, as participantes expressaram:

Quadro 14: fala das Psicopedagogas e neuropdagoga.

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Psicopedagoga que atuou | Muitas ações devem ser desenvolvidas para cada especificidade, mas a principal delas é manter contato com a família, com o corpo docente, orientá-las, planejar bem o trabalho a ser conduzido e ter muito amor e dedicação àquilo que se faz. |
| Psicopedagoga atual     | Ter mais humanismo, comprometimento, trabalhar com mais parceria.  |
| Neuropedagoga           | Parceria, onde encontramos parceria tudo pode ser resolvido mais facilmente, principalmente entre a classe de profissionais da educação; a inclusão é para todos nós.  |

Elaboração: da autora, outubro de 2015.

Desta forma o que fica observado é que as atitudes nos relatos de atuação dos professores mediante o trabalho que desenvolve junto das crianças com necessidades educacionais é contraditório com as observações percebidas pela pesquisadora e com as expressões das profissionais que desenvolve um trabalho de parceria com esses professores e com a literatura.

As professoras em suas manifestações tentam passar uma visão de um trabalho que abarca a diversidade demonstrando um bom conhecimento teórico. No entanto, baseado na observação feita de suas práticas e nos relatos das profissionais (psicopedagogas, neuropedagoga) e na literatura utilizada para análise transparece que ainda há um caminho a percorrer em relação ao envolvimento e ao preparo docente para oferecer educação de qualidade para todos, com vista à inclusão.

Pelas expressões das professoras nas respostas se observa que sabem quais devem ser suas ações na atuação com os alunos especiais, demonstram ter um bom conhecimento teórico. Sabem que a criança especial requer um acompanhamento com cautela, um planejamento e metodologia diferenciada, mas que infelizmente não são aplicados em suas práticas. Tais constatações estão em consonância com Maria Tereza (2007, p. 24), ao afirmar ser “difícil manter resguardados e imunes às mudanças todos os que colocam nos alunos a incapacidade de aprender” (apud BIAGGIO, 2007, p. 23).

Verificou se nessa análise baseada na literatura que a educação inclusiva na escola regular tem sido um grande desafio e que lidar com a diversidade exige uma quebra de paradigma e mudanças de atitudes, ou seja, um olhar de outro modo para que educação seja, de fato inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira tem passado por grandes mudanças nos últimos anos, conseguido cada vez mais respeitar a diversidade e garantir a aprendizagem de todos os alunos, o que tem provocado grandes desafios aos sistemas educacionais. Quando se buscou saber como era a educação inclusiva na instituição pesquisada, se constatou que a escola reconhece e valoriza as diferenças, tem aberto caminhos educacionais a todos os educandos indistintamente. Mas os profissionais que lá atuam têm enfrentado dificuldades em desempenharem suas práticas na educação inclusiva pela falta de parceria com os pais, de investimento das políticas públicas no preparo docente, de recursos e materiais pedagógicos. O que tem prejudicado significativamente o atendimento oferecido aos alunos especiais.

As professoras têm uma boa percepção sobre o trabalho pedagógico, tem se dedicado em sua atuação, tentado abranger o aluno especial, se relacionam e elaboram atividades específicas, pois sabem que esse aluno especial demanda de um caminho diferente de aprender. Mas em seu trabalho pedagógico tem enfrentados desafios, não tem uma ação pedagógica direcionada, não desenvolvem uma prática de forma ativa junto à criança especial, essa tarefa tem ficado designada as professoras de apoio. Conforme podemos perceber para que a educação seja realmente inclusiva ainda há um caminho a percorrer em relação ao envolvimento e ao preparo docente para oferecer educação de qualidade para todos.

Contudo, as professoras tem boa perspectiva voltada a essa modalidade, esperam que algum dia não muito distante a educação inclusiva exista em seu verdadeiro sentido de inclusão, o de aceitação e reconhecimento das diferenças. “Vários caminhos são possíveis e necessários no trabalho escolar buscando a construção de um modelo inclusivo”. (CARNEIRO, 2012, p. 89).

Constatou-se na pesquisa que a Secretária de Educação Municipal juntamente com o Governo Municipal tem tentado buscar esses caminhos. Utilizando se de conversa informal com a secretária de educação, notou-se que o município não tem uma política de inclusão de alunos com necessidades

educacionais especiais. Tentou-se um trabalho na administração passada com uma psicopedagoga no acompanhamento, orientação e atendimento junto aos professores e com os alunos com necessidade educacionais especiais. Porém, não foi possível ter um bom desempenho e manter a continuidade, devido à falta de infraestrutura adequada para esse tipo de trabalho.

A psicopedagoga e a neuropedagoga têm coletados dados de alunos especiais por meio de fichas específicas para a organização do quadro de alunos para a elaboração de um projeto voltado ao atendimento nessa área. Também já se iniciou novamente o acompanhamento, orientação e atendimento tanto dos professores quanto dos alunos. Isso para que se consigam juntos às instituições desenvolver um trabalho inclusivo no reconhecimento às diferenças dos alunos, diante o processo educativo e buscar a participação e o desenvolvimento de todos, por meio de novas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, o que se percebe é que, mesmo não existindo ainda uma política municipal de educação inclusiva, está havendo um grande esforço por parte dos profissionais na busca de uma educação inclusiva. Tem-se buscado uma reestruturação prática voltada à educação inclusiva na escola regular do município, sobretudo, em relação a mudança de atitude e postura dos professores.

O exercício da atividade docente requer preparo, mas fica constatado por meio da pesquisa, que o preparo não se deve esgotar nos cursos de formação superior. Pois a igualdade de ingresso, permanência e condições favoráveis para a aprendizagem dos alunos com algum tipo de necessidades educacionais exigem uma formação em educação inclusiva continuada. Com uma formação continuada, torna-se mais fácil enfrentar os desafios de trabalhar com a inclusão, pois buscar modernizar continuamente os conhecimentos faz com que a práticas pedagógicas estejam sempre atualizada, acompanhando o processo evolutivo. Isso pressupõe uma educação diferenciada e inovadora em todos os contextos, que saibam lidar com as diferenças.

Portanto, a necessidade de uma educação mais abrangente, que supere as dificuldades do trabalho docente na educação inclusiva, que abarque e leve a todos

os educandos independente de suas particularidades e necessidades a aprenderem e se desenvolverem, exige que sejam realizadas novas ações para suprir os desafios encontrados nas instituições de ensino no trabalho com a educação inclusiva. Ações que devem estar ligadas ao preparo docente, à parceria, ao envolvimento dos pais e ao envolvimento de todos que fazem parte da educação.

Nesse contexto a pesquisa de campo e o estudo da temática abriram novos questionamentos: Quais caminhos podem ser tomados para que a família, os professores, a escola e os profissionais de apoio especializado desenvolvam um trabalho em parceria na educação inclusiva? Quais são os entraves que impedem a adoção de uma política municipal inclusiva? Como a formação inicial e continuada contemplam questões voltadas a educação inclusiva?

### PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Este trabalho tem como objetivo apresentar as minhas expectativas futuras, o que almejo o que pretendo fazer após o término do curso de Pedagogia.

O plano de atuação profissional futura transcorre da importância e da contribuição do curso de pedagogia para o meu crescimento profissional, o que almejo fazer após o término do curso de Pedagogia, no acompanhamento das mudanças e dos avanços da sociedade contemporânea, para o aperfeiçoamento da prática profissional, para uma atuação significativa e com qualificada.

Precisamos aprender os valores das nossas condutas e sermos curiosos. O curso de pedagogia tem me proporcionado esse aprendizado. Pois tenho ultrapassado muitas barreiras ao longo dessa minha trajetória acadêmica. Do ingresso à permanência em um curso superior público, conciliar estudo com trabalho, não tem sido fácil, mas com dedicação e força de vontade venho cada dia mais ampliando meus conhecimentos, pois a escolha por esse universo da Pedagogia tem sido um constante aprendizado. A cada semestre tenho feito novas descobertas, as quais serão de grande contribuição na minha atuação como pedagoga, despertado no desejo de aperfeiçoamento para uma prática profissional significativa. Uma vez que a aprendizagem do educador em sua caminhada pedagógica é contínua, não termina com a conclusão acadêmica. O educador deve estar sempre se atualizado, pesquisando e planejando para que realmente desenvolva metodologias para uma aprendizagem que desperte nos educandos o desejo incessante de aprender. Uma vez que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. (OSTETTO, 2000, p. 01)

O Planejamento e a pesquisa no cotidiano do professor é um grande subsídio ao seu trabalho. Portanto, como pretendo atuar tanto na educação infantil, como ensino fundamental primeira fase, almejo ajustar-me nessa demanda, pois o professor-pesquisador é sempre um eterno aprendiz, um ser criativo que está

sempre inovando sua prática pedagógica buscando as melhores maneiras de atingir seus alunos, no processo de ensino/aprendizagem na sociedade contemporânea. O modelo de educação que temos hoje exige professores atualizados, assim sendo não há mais lugar para o professor que apenas transmite seu conhecimento, e sim, para aquele que cria um ambiente investigativo no qual, juntamente com os alunos, busca e produz novos conhecimentos para um bom trabalho pedagógico.

O professor da atualidade pode posicionar-se como mediador, com disposição contínua para aprender, onde professores e alunos possam ser pesquisadores, numa construção coletiva, com qualidade, autonomia e decisões com responsabilidade, numa constante investigação da sua prática, avaliando-se criticamente. (PANEGALLI, s/d, p. 02)

Pretendo ser uma pedagoga que use os métodos pedagógicos, que analise e conheça as dificuldades que o educando apresenta, que estimule, incentive a buscar o seu próprio conhecimento, dando liberdade de questionar e de expor suas experiências. Nesse contexto, vejo a necessidade de ter uma formação continuada, principalmente pelo fato das mudanças que vêm ocorrendo no mundo, pela globalização econômica e a inovação tecnológica, exigindo um novo posicionamento da prática docente em desenvolver novas competências e habilidades.

Após o término da graduação em pedagogia, pretendo fazer pós-graduação em psicologia social para inovar o meu trabalho pedagógico e auxiliar os alunos a novas formas de aprendizagem e desenvolvimento. Uma vez que a psicologia social como um campo da ciência que busca estudar o comportamento do indivíduo em sua interação com outro indivíduo (entender a mente do indivíduo) abordando algumas questões como locus de controle, desenvolvimento moral, educação e valores, preconceito, estereótipos, para um entendimento das relações que os indivíduos estabelecem entre si, com a sociedade e com a cultura ao qual está inserido.

Questões essas fundamentais para que a qualidade da educação seja repensada em uma perspectiva de reestruturação na compreensão do resgate da ética, moral e valores na luta contra os fenômenos com situações de desrespeito e violência que se faz cada vez mais presente em nossa sociedade e no campo das instituições escolares.

O homem não pode torna-se um verdadeiro homem senão pela educação, segundo o mesmo a boa educação da origem a tudo o que é de bom no mundo, para tanto basta desenvolver o bem que existe no interior do ser humano. (Kart 199; apud, GOERGEN, 2005, p. 991).

Portanto educar é muito amplo, envolve uma série de ações, interações, diversidades, individualidades, aprendizagem significativa, conhecimentos, onde o ser humano é educado a caminhar como o modelo de sociedade organizada numa perspectiva de coletividade, respeitando regras estabelecidas para uma convivência saudável dentro de uma sociedade.

É na escola que se formam cidadãos e cidadãs atuantes. É também o espaço para que eles e elas sejam respeitados e respeitadas em suas especificidades. A escola não é só um lugar de transmissão do saber, é onde se aprendem valores e atitudes. JESUS, B. de et al, 2008, p. 11).

Diante as novas perspectivas da sociedade e das transformações tecnológicas e sociais, em que cada vez mais, as instituições escolares se tornam um espaço que não se transmite apenas o saber, ou seja, não se trabalha apenas questões pedagógicas, mas a social também, devo está sempre buscando uma formação continuada. Como já mencionado acima, após o termino da graduação, pretendo fazer uma pós-graduação em psicologia social, se possível Mestrado e quem sabe até mesmo Doutorado. Vejo minha oportunidade limitada em ingressar em um curso de Doutorado, mas não sou de desistir no primeiro obstáculo, costumo ser persistente quando quero atingir meus objetivos.

Hoje tenho convicção de que com força e determinação se pode modificar o ambiente em que se está inserido e atingir objetivos na busca de um sonho, vencendo as barreiras que nos são impostas em uma sociedade capitalista.

É possível esta consciente dentro do contexto social no qual vivemos à custa de um grande esforço, e por que não dizer sofrimento. Muitas vezes as pessoas mais conscientes lutam para modificar o ambiente em que vive, e as regras sociais as quais estão à mercê (SOARES, 2002, p. 42).

Portanto lutarei para conseguir mais esse objetivo, sei que não será fácil, como não foi o meu ingresso na Universidade Federal, mas estou aqui prestes a concluir, ou seja, a realizar um sonho. Então, desistir jamais!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Utilizadas no Memorial

CARVALHO, Olgamir Francisco de; Desafios atuais da escolha e decisão vocacional/profissional: um olhar pedagógico sobre a questão; **Trabalho e Educação**. Belo Horizonte; v.23; nº2, p.93-107, mai - ago 2014.

CEWK – Organizado por Prof. Rosângela Menta Mello Disponível em:<http://estagiocewk.pbwiki.com/OTP>. Acesso em: 29 de abril de 2014.

GOERGEN, Pedro; Educação e valores no mundo contemporâneo; **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 92, p.983-1011, Especial- Out. 2005.

LÜDKE, Menga; O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

MUNIZ, Cristiano Alberto; **Brincar e jogar**: enlaces teóricos e metodológicos no campo da educação matemática; ed. Autêntica Editora, 2010.

OLIVEIRA, Emanuelle; Tendências pedagógicas; **INFOESCOLA**, navegando e aprendendo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/pedagogia/tendencias-pedagogicas/> acesso em 30 de mar. 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco, 2000. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2013.

SILVIA, Gilvanete Lopes; **Memórias de uma educadora vitoriosa**; Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia; 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/1136612-Gilvanete-lopes-da-silva.html>. Acesso em: 30 de mar. 2015.

SOARES, Dulce Helena P.; A escolha profissional: do jovem e adulto. 2002. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2015.

### 2. Utilizadas na Monografia

ALMEIDA, Carina Elisabeth Maciel de; **Universidade, educação especial e formação de professores** – UCDB ; GT: Educação Especial / n. 15; Agência Financiadora: CAPES/PROSUP. 2004

ALONSO, Daniela; Nova escola; **Educação inclusiva**: desafios da formação e da atuação em sala de aula; Publicado em DEZEMBRO DE 2013. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/palavra-especialista-educacao->

inclusiva-desafios-formacao-atuacao-sala-aula-762299.shtml?page=4. Acesso em 14 de set. 2015.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de; *Etnografia da prática escolar*; 16ª Edição; PAPIRUS s/d. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2015.

BELEI, Renata Aparecida. et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa; **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008. Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/1350501221.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf). Acesso em: 01 out. 2015.

BIAGGIO; Rita; A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré – escolas. **Revista Criança**, do professor da educação infantil. Ministério da educação. São Paulo/ SP. Novembro de 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revista44.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico]: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas constitucionais nos 1/1992 a 77/2014, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas constitucionais de revisão nos 1 a 6/1994. – 41. ed., com índice de assunto. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. (Série textos básicos; n. 82). Disponível em: < [http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/Constituicoes\\_Brasileiras/constituicao1988.html/ConstituicaoTextoAtualizado\\_EC90.pdf](http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html/ConstituicaoTextoAtualizado_EC90.pdf). Acesso em: 12 setembro de 2015.

BRASIL. MEC/ SEESP. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Disponível em: [http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica\\_nacional\\_educacao\\_especial.pdf](http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf). Acesso em: 13 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de educação básica. diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / secretaria de educação básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://www.portalsas.com.br/portal/pdf/Diretrizes-Curriculares-Nacionais-para-a-Educacao-Infantil.pdf>. Acesso em: 13 maio 2015.

Bruno, Marilda Moraes Garcia; **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução.** [4. ed.] – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 45 p.: Il. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 13 de maio 2015.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone; Educação inclusiva na educação infantil. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista. V.8 n. 12; p.81-95; jan./ jun. 2012. Disponível <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/735/708>. Acesso em: 14 de set. 2015.

FREITAS. et al. Reflexões sobre acessibilidade arquitetônica nas escolas e sua implicação na inclusão escolar. EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 19 - Nº 193 - Junio de 2014. Disponível em: <file:///D:/2%BA%20semestre%20de%202015/projeto%205-%20fase%20%20TCC/Reflex%F5es%20sobre%20acessibilidade%20arquitet%F4nica%20ns%20escolas%20e%20sua%20implica%E7%E3o%20na%20inclus%E3o%20o escolar%20%20net.html>. Acesso 03 de out. 2015.

MENDES, E. G. Desafios atuais na formação do professor de educação especial. Revista Integração. Brasília: MEC/SEESP, v. 24, 2002, p.12-17. Disponível em: [books.google.com.br/books?id=dZtymI2INMMC&pg=PA178&lpg=PA178&dq=MENDES,+E.+G.+DESAFIOS+ATUAIS+NA+FORMAÇÃO+DO+PROFESSOR+DE+EDUCAÇÃO+ESPECIAL.+Revista+Integração.+Brasília:+MEC/SEESP,+v.+24,+2002,+p.12-17.&source=bl&ots=ME0SR\\_ALk7&sig=tizYx2N\\_ZBpOs0nR8XKbmCD-kmQ&hl=ptBR&sa=X&ved=0CC8Q6AEwA2oVChMI3sib166EyQIVSceQCh0AtQ5e#v=onepage&q=MENDES%2C%20E.%20G.%20DESAFIOS%20ATUAIS%20NA%20FORMA%20C3%87%20DO%20PROFESSOR%20DE%20EDUCA%20C3%87%20ESPECIAL.%20Revista%20Integra%20C3%A7%20C3%A3o.%20Bras%20C3%ADlia%20C3%A3o.%20MEC%20SEESP%20C3%A3o.%20v.%2024%20C3%A3o.%202002%20C3%A3o.%20p.12-17.&f=false](books.google.com.br/books?id=dZtymI2INMMC&pg=PA178&lpg=PA178&dq=MENDES,+E.+G.+DESAFIOS+ATUAIS+NA+FORMAÇÃO+DO+PROFESSOR+DE+EDUCAÇÃO+ESPECIAL.+Revista+Integração.+Brasília:+MEC/SEESP,+v.+24,+2002,+p.12-17.&source=bl&ots=ME0SR_ALk7&sig=tizYx2N_ZBpOs0nR8XKbmCD-kmQ&hl=ptBR&sa=X&ved=0CC8Q6AEwA2oVChMI3sib166EyQIVSceQCh0AtQ5e#v=onepage&q=MENDES%2C%20E.%20G.%20DESAFIOS%20ATUAIS%20NA%20FORMA%20C3%87%20DO%20PROFESSOR%20DE%20EDUCA%20C3%87%20ESPECIAL.%20Revista%20Integra%20C3%A7%20C3%A3o.%20Bras%20C3%ADlia%20C3%A3o.%20MEC%20SEESP%20C3%A3o.%20v.%2024%20C3%A3o.%202002%20C3%A3o.%20p.12-17.&f=false). Acesso em: 14 maio 2015.

NONATO; Josiane Viana; A inclusão no âmbito das políticas de educação infantil em Jundiá – SP: a criança em foco/ CAMPINAS SP. [S.N] 2014. Disponível em [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000944202](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000944202). Acesso em: 14 set. 2015.

PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo**; A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. Disponível em <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf> Acesso em: 22 set. 2015.

SHIGEMOTO; Regina Célia Almeida Dias; Abrindo caminhos para inclusão: um enfoque transdisciplinar do curso de pedagogia do programa especial de formação de professores. CAMPINAS 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=36846>. Acesso em: 14 set. 2015.

SOUSA, Linete Oliveira de; A inclusão escolar no contexto da educação infantil; **Revista Científica Aprender**. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=159>. Acesso em: 10 set. 2015.

### 3.Utilizada na Perspectivas Futuras

GOERGEN, Pedro; Educação e valores no mundo contemporâneo; **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 92, p.983-1011, Especial- Out. 2005.

JESUS, Beto de e outros. **Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. / Beto de Jesus. Ed. Especial, revista e ampliada. – São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008. 92 p. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco**, 2000. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2013.

PANEGALLI, José Carlos.. **O professor como facilitador da aprendizagem para a vida profissional no estudo da administração**. s/d. Disponível em: <http://ieducorp.com.br/docs/aprendizagem.pdf> / . Acesso em: 13 jun.2015.

SOARES, Dulce Helena P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**; 2002. Disponibilizado via plataforma UnB UAB. 2013.

## Apêndice A



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Universidade Aberta do Brasil - UAB**  
**Faculdade de Educação – FE**  
**Curso de Pedagogia a Distância**



**Aluna: Adriana Lopes de Aguiar**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Andréia Mello Lacé**

Prezado (a) professor (a),

Sou Adriana Lopes de Aguiar, Aluna do curso de Pedagogia da UAB/UnB e estou desenvolvendo uma pesquisa de final de curso cujo objetivo geral é: Investigar as principais dificuldades encontradas pelos profissionais (psicopedagogas, professores e neuropedagogas) que atuam na prática inclusiva, especialmente na educação infantil da escola municipal Mundo Mágico. Agradeço de antemão o aceite para participar desse momento importante da minha formação acadêmica.

### **QUESTIONÁRIO / PROFESSORES**

1. Identificação Pessoal:

Grau de Escolaridade/ Especialização: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tempo de atuação na área da Educação: \_\_\_\_\_

---

2. Qual é a sua formação inicial? Você fez licenciatura?

3. A sua formação acadêmica lhe deu subsídios para enfrentar os desafios da educação inclusiva? Explique sua resposta.

4. Há quanto tempo você terminou sua formação inicial?

5. Após o término de sua licenciatura você fez ou faz alguma formação continuada?

Se sua resposta for afirmativa em qual área?

6. Como você acha que deveria ser a formação do professor no trabalho inclusivo na educação infantil?

7. A educação infantil inclusive atende que tipo de aluno?

8. Em relação ao planejamento, suas aulas são preparadas para todos os alunos com igualdade?

9. Como é o seu trabalho pedagógico com a criança que necessita de educação especial?

10. Você enfrenta alguma dificuldade ao trabalhar com a inclusão na educação infantil?

Se sua resposta for afirmativa, descreva essas dificuldades.

11. Quais ações devem ser realizadas para que as dificuldades descritas sejam superadas?

12. Quais as suas perspectivas no trabalho com a Educação Inclusiva?

## Apêndice B



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Universidade Aberta do Brasil - UAB**  
**Faculdade de Educação – FE**  
**Curso de Pedagogia a Distância**



**Aluna: Adriana Lopes de Aguiar**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Andréia Mello Lacé**

Prezado (a) professor (a),

Sou Adriana Lopes de Aguiar, Aluna do curso de Pedagogia da UAB/UnB e estou desenvolvendo uma pesquisa de final de curso cujo objetivo geral é: Investigar a percepção dos educadores sobre o trabalho pedagógico na educação inclusiva.

Agradeço de antemão o aceite para participar desse momento importante da minha formação acadêmica.

### **QUESTIONÁRIO / PSICOPEDAGOGA**

1. Identificação Pessoal:

Especialização: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tempo de atuação na área da Educação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Qual é a área de sua formação inicial (graduação)?

3. . Você fez ou faz alguma formação continuada?

3.1 Em qual área?

4. Há quanto tempo você atua como psicopedagoga nessa escola?

5. A educação infantil inclusive atende que tipo de aluno?

6. Como você acha que deveria ser a formação do professor no trabalho inclusivo na educação infantil?

7. Como você ver o trabalho pedagógico dos professores na construção do conhecimento na educação infantil inclusiva?

8. Como você busca sensibilizar e organizar a participação dos profissionais na educação inclusiva, na prática do cotidiano escolar?

9. Como você ver o trabalho desenvolvido por você frente a educação inclusiva com os profissionais da educação infantil?

10. Você enfrenta alguma dificuldade ao trabalhar com a inclusão na educação infantil?

Se sua resposta for afirmativa, descreva essas dificuldades.

11. Quais ações devem ser realizadas para que as dificuldades descritas sejam superadas?

## Apêndice C



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Universidade Aberta do Brasil - UAB**  
**Faculdade de Educação – FE**  
**Curso de Pedagogia a Distância**



**Aluna: Adriana Lopes de Aguiar**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Andréia Mello Lacé**

### **ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

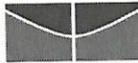
1. Observar como tem sido o trabalho pedagógico para a construção do conhecimento na educação inclusiva, (atividades, recursos pedagógicos, brincadeiras internas e externas);
2. Observar como é prática (a atuação) dos professores que tem em sua sala os alunos com necessidades educacionais especiais;
3. Observar a interação do professor junto a crianças que necessita de educação especial;
4. Observar as manifestações das crianças com necessidades educacionais;
5. Observar a relação da criança especial com as outras crianças e com os adultos.

## Apêndice D

**FOTOS DO AMBIENTE ESCOLAR**



## Anexo 1



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação - FE  
Universidade Aberta do Brasil - UAB  
Disciplina: Projeto 5, Fase 2

Ilma. (a) Sr. (a).

Venho, por meio desta, apresentar a Aluna Adriana Lopes de Aguiar que cursa nesse semestre, a Disciplina Projeto 5, Fase 2, por mim ministrada. Essa disciplina integra o currículo do curso de Pedagogia a Distância, sendo ofertada pela Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, onde exerço minhas funções docentes.

No componente curricular **do Projeto 5, fase**, os alunos “sistemizam conhecimentos culturais, científicos e técnico produzidos ao longo do curso e apresentam como resultado de pesquisa e investigação científica, o Trabalho de Conclusão de Curso”.

Dessa forma, o aluno supracitado necessita realizar pesquisa de campo no sistema de ensino local. Visando o cumprimento desse objetivo, solicito a V. Sr (a) gentileza de receber a aluna, portadora desse documento, apoiando-a no desenvolvimento de sua atividade acadêmica.

Na certeza de contar com a sua colaboração nessa importante atividade de formação docente, antecipadamente me despeço.

Cordialmente,

Professora Doutora Andréia Mello Lacé

Professora da disciplina Projeto 5, Fase 2 - UAB  
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Em 7/10/2015



**Anexo 2**

**Universidade de Brasília - UnB**

**Universidade Aberta do Brasil - UAB**

**Faculdade de Educação – FE**

**Curso de Pedagogia a Distância**



**Aluna: Adriana Lopes de Aguiar**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Andréia Mello Lacé**

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, sob o número do CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa para a Monografia A importância da Educação Especial no currículo para a formação de professores. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Adriana Lopes de Aguiar sobre o trabalho e autorizo a utilização dos resultados colhidos, por meio do questionário, desde que as informações sejam tratadas com ética e para os fins desta pesquisa.

Brasília, \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_ Assinatura do Entrevistado